

DN-14.4.57

## Amiga Viaja

1232

RUBEM BRAGA

UMA querida amiga vai pela primeira vez a Paris e pergunta se quero alguma coisa de lá. Mando abraços para alguns amigos, e chega. Não quero nada. Gostaria de estar lá, e poder levá-la a conhecer um canto ou outro da cidade, um bistrô, uma pequena livraria, um bar.

Seria um mau guia; sou desatento, esqueço o nome dos lugares e jamais visitei o túmulo de Napoleão, não consegui gostar realmente de Montmartre, sinto uma leve angústia, entretanto acompanhada de lembranças boas quando penso em Montparnasse; tenho uma planta de Paris muito confusa dentro da alma — pequenas ruas onde fui intensamente feliz, um "boulevard" em que senti vontade de morrer de pura tristeza — ah, meu Paris é em parte o Paris de todo mundo, mas na pior e na melhor parte é um Paris meu, intransferível.

Vivo demais em função de pessoas, e as pessoas morrem, mudam, somem, ficam longe e sem face. O Paris de minha amiga será outro, apenas se cruzará com o meu em alguma esquina. Sim, é de pessoas que vivo. Mas precisamente o que Paris tem de grande é ajudar as pessoas a viver com uma certa alegria e uma certa modéstia. Ali já se viveu muito, e sentimos isso: a cidade é patinada de humanidade; muitos ali já lutaram, já se amaram, já pecaram e foram perdoados, e isso nos faz mais humildes e mais livres, e nos inspira uma secreta boa vontade para com o gênero humano. François Villon terá sido mesmo um "mauvais garçon", Verlaine se desregrava muito? Dêles apenas ficou a poesia, e essa poesia a sentimos em velhos muros e em velhas árvores, e ela nos faz bem.

Minha querida amiga, você vai viver em uma cidade de pessoas. Não precisa prestar muita atenção a nada. Deixe-se viver, tome seu vinho, descubra suas pequenas ruas, faça a sua pequena rede humana de afetos, e seja distraída e feliz — e me mande um cartão qualquer de beira do Sena e saiba que aqui eu muitas vezes pensarei em você, e a favor de você. Boa viagem!

DN-14.11.65